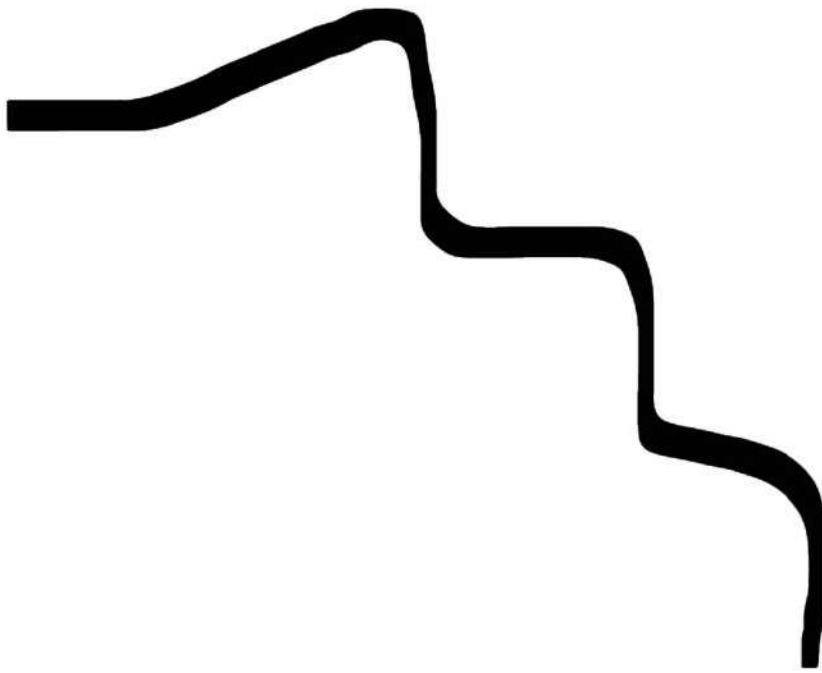


# SADOMASOQUISMO: O CULTO ERÓTICO DO FASCISMO

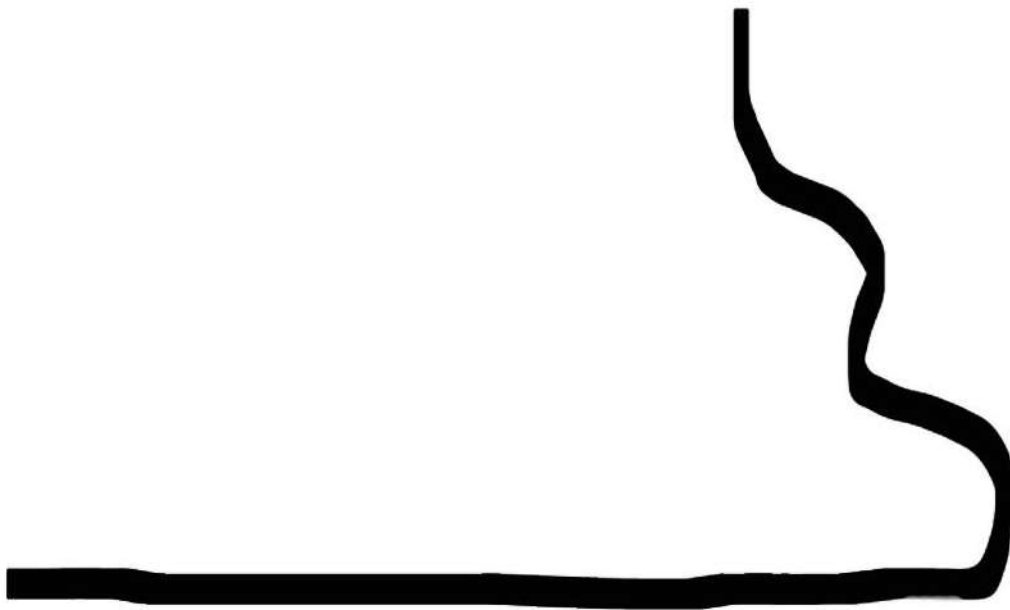
Sheila Jeffreys







“Apenas a construção de uma prática sexual igualitária pode se encaixar em uma política antifascista.”





**Comentário da autora:** *Esse artigo foi escrito em 1984, quando eu [Sheila Jeffreys] fazia parte do grupo Lésbicas Contra o Sadomasoquismo em Londres. As feministas lésbicas na Grã-Bretanha sabiam dos desenvolvimentos do sadomasoquismo lésbico nos Estados Unidos, mas nenhum grupo havia se reunido no entorno deste assunto até que o novo London Lesbian and Gay Center concordou que sadomasoquistas deveriam ser aceitos lá. Os eventos dessa época são descritos no capítulo "A Pale Version of the Male" [Uma versão pálida do macho] no livro The Lesbian Heresy [A heresia lésbica]. O artigo foi originalmente escrito para uso do próprio grupo, e também foi distribuído em forma de fotocópias para outras lésbicas interessadas. Ele não deve ser considerado uma afirmação definitiva das políticas do grupo, mas uma visão individual. Em 1986 ele foi publicado na Lesbian Ethics nos Estados Unidos.*



Soube das ligações entre o sadomasoquismo e o fascismo em 1981, quando visitei Amsterdam vinda de Londres para participar de um festival de mulheres. Um tema importante do festival, senão o principal, era o sadomasoquismo. As mulheres do festival de Amsterdam demonstravam cenários sadomasoquistas, por exemplo, um homem transexualizado chicoteando uma mulher, ambos vestidos em roupa fetichisticamente "feminina" e couro preto. Um número considerável de mulheres no festival estava vestida de couro preto, e algumas usavam coleiras e guias enquanto eram conduzidas por outras mulheres. As oficinas que promoviam o sadomasoquismo argumentavam com base na liberdade pessoal para as minorias sexuais. Os seus promotores argumentavam que o sadomasoquismo era basicamente um assunto privado, ainda que os praticantes de sadomasoquismo tivessem que "sair do armário" por serem oprimidos por preconceito e discriminação contra as práticas sexuais de sua preferência.

Na mesma semana em que o festival aconteceu, o primeiro membro fascista do parlamento foi eleito em Amsterdam desde a guerra. Houve brigas de rua naquele fim de semana nas quais fascistas celebraram batendo em membros da população imigrante de Amsterdam, e uma rede de contatos por telefone teve de ser operada para distribuir os antifascistas a diferentes partes da cidade para resistirem à violência racista. As feministas de Amsterdam que me contaram da violência e do triunfo eleitoral não viam nenhuma conexão entre o aumento do fascismo e a promoção do sadomasoquismo como uma prática sexual. Elas aceitavam que o sadomasoquismo era simplesmente uma questão pessoal. Eu não estava convencida. Uma importante estação policial de Amsterdam ficava na mesma rua do prédio onde aconteceu o festival, o Melkweg. Fora do prédio do festival havia um poster gigante de uma mulher nua com suas mãos amarradas às costas. A mulher escrava estava do lado oposto da estação policial. Ela não me parecia representar um

símbolo de provocação. Parecia mais que o sadomasoquismo, a polícia, a crescente ameaça fascista, os meninos adolescentes que jogaram pedras em mim e em minha namorada por andarmos de mãos dadas na rua depois do festival, tinham muita coisa em comum. Qual era o fio que os ligava?

## **Berlim nos anos 1930**

Existe um exemplo histórico da conexão entre sadomasoquismo e fascismo que ignoramos, e que nos prejudica. Antes de os nazistas dominarem na Alemanha em 1933, o sadomasoquismo estava florescendo e crescendo enquanto prática sexual, particularmente entre homens gays. Christopher Isherwood, um novelista britânico gay que viveu em Berlim naquela época, deixou um registro escrito dos flertes com o sadomasoquismo que estavam acontecendo não apenas entre os gays, mas também entre a juventude alienada e desempregada da Alemanha. Em um livro de 1962, *Down There on a Visit*, Isherwood discorreu sobre as conexões entre o sadomasoquismo e o crescente fascismo em suas descrições de um jovem alemão, Waldemar.

Tenho certeza que Waldemar instintivamente sente a relação entre as cruéis senhoras vestidas de botas que costumavam frequentar seu comércio fora da Kaufhaus des Westens e os jovens valentões em uniformes nazistas que estavam lá naqueles dias agredindo os judeus. Quando uma senhora dessas reconhecia um cliente promissor, ela costumava arrastá-lo, puxando-o para um táxi e o batia com um chicote. Os garotos da S.A. não fazem exatamente a mesma coisa com os *seus* fregueses — exceto que, nesse caso, o chicoteamento é fatal? Um não era uma espécie de ensaio psicológico para o outro? [1]

Martin Sherman usa o sadomasoquismo como um tema subjacente importante em sua poderosa peça chamada *Bent*. A peça



abre com o personagem principal, Max, pegando e levando para casa consigo, presumivelmente para sexo a três com seu amante, um jovem homem vestido de couro que praticava sadomasoquismo. Na manhã seguinte, os oficiais da Gestapo chegam à procura do jovem alemão e cortam sua garganta. O ano é 1934. Max e seu amante estavam então foragidos. Depois que seu amante foi morto, Max acabou em um campo de concentração. Na cena mais comovente da peça, Max e um companheiro de cela, que estava no campo porque assinou uma petição que repelia o estatuto alemão contra a homossexualidade, interagem sexualmente apenas conversando, enquanto moviam pedras sob vigilância pesada. Max é incapaz de fazer sexo sem dor e inclui mordidas dolorosas nos mamilos durante a fantasia falada. Horst, o amante, reclama e relaciona o sadomasoquismo com o fascismo que os aprisionou.

Horst: ...Você tentou me machucar. Você me conforta, e então me machuca. Já estou machucado o suficiente. Não quero mais sentir dor. Por que você não pode ser gentil?

Max: Eu sou gentil.

Horst: Não, você não é. Você é como eles. Você é como os guardas. Você é igual a Gestapo. Nós paramos de ser gentis. Eu observei, enquanto estávamos lá fora. As pessoas fazem dor e chamam de amor. Eu não quero ser assim. Não se faz amor para machucar. [2]

A peça relaciona o sadomasoquismo de Max à sua inabilidade de aceitar sua homossexualidade e realmente amar outro homem. Ao fim da peça, embora Horst seja morto, Max alcança algum tipo de triunfo moral e pessoal ao demonstrar que ele ama Horst, ao deliberadamente vestir o triângulo rosa dos homossexuais e caminhar em direção à cerca elétrica.

A tragédia da prática sadomasoquista nos anos 1930 em Berlim era que os cenários que os homens gays estavam encenando para seu desfrute sexual, complementados com os uniformes nazistas, eram

apenas uma antecipação da grande violência que cairia sobre eles, vinda dos valentões fascistas, quando esses homens gays foram internados em campos de concentração. A experiência dos homens gays nesses campos é graficamente descrita no livro de Heinz Heger, *The Men with the Pink Triangles*. Um exemplo de tortura e morte de um prisioneiro gay é interessante pela forma com que esclarece como funciona a prática sadomasoquista.

O primeiro "jogo" que o sargento da SS e seus homens faziam era fazer cócegas em suas vítimas com penas de ganso, nas solas dos seus pés, entre suas pernas, nas axilas e em outras partes de seu corpo nu. A princípio, o prisioneiro se forçava a manter o silêncio, enquanto os seus olhos se contraíam de medo e tormento, olhando de um homem da SS para o outro. Até que ele não podia mais se conter e finalmente explodia em uma risada aguda que logo se transformava em um choro de dor, enquanto lágrimas escorriam de seu rosto, e seu corpo se retorcia contra as correntes...

Mas os homens depravados da SS estavam prontos para se divertir ainda mais com a pobre criatura. O chefe do bunker trouxe duas tigelas de metal, uma cheia de água fria e outra com água quente. "Agora nós vamos cozinhar seus ovos, sua abominação suja [*filthy queer*, no original], logo logo você vai estar quentinho", disse o oficial do bunker alegremente, levantando a tigela de água quente entre a virilha da vítima de modo que suas bolas fossem mergulhadas nela...

"Ele é um fodido, não é?, que tenha o que tanto quer", rosnou um dos homens da SS, pegando uma vassoura que ficava no canto e enfiando o seu cabo no ânus do homem... [3]

Eventualmente o homem foi morto ao ser atingido na cabeça por uma pá de madeira.

As descrições a seguir são de um capítulo de uma cartilha lésbica sobre como praticar sadomasoquismo com segurança.

*Fisting* ou *fistfucking* significa mover a mão inteira dentro ou para dentro e para fora da vagina ou do reto de alguém. A introdutora começa colocando um ou dois dedos dentro de sua parceira, colocando um dedo de cada vez, e dentro de alguns minutos o movimento estimulatório entre eles aumenta, até que ela coloca toda a sua mão lá dentro, até que os dedos se curvem para preencher o espaço, formando um "punho". Neste ponto, a inclinação usual da pessoa que está recebendo a ação é pedir "dá para colocar mais?"

A primeira coisa a se fazer antes de qualquer *fisting* é manter as unhas curtas e sem rebarbas. Suas unhas devem ser cortadas bem rentes, e então polidas com uma lixa ou lima, polindo tanto as laterais quanto das costas das mãos ao lado da palma. Também é importante utilizar um bom e espesso lubrificante que não se transforme em uma poça de água em cinco minutos, óleo é bom. Deve-se cobrir a mão de forma espessa com óleo sem passar do ponto em que encaixe muito facilmente... [etc]

O modo de se gotejar cera de uma vela de forma segura é deixar uma gota ou duas cair por vez, ao invés de deixar cera derretida acumular em volta da base do pavio e espirrar na pele de sua parceira tudo de uma vez... [etc.] [4]

Incluí as duas práticas acima porque elas se aproximam bastante de replicar os métodos de tortura usados nos exemplos da vida real dos campos de concentração. (Outras instruções incluem como cortar os seios de uma mulher com lâminas e como perfurar seus lábios vaginais.) Elas deixam claro que a prática sadomasoquista vem de nenhum lugar menos misterioso que a própria história da opressão bastante real que sofremos. Os cenários sadomasoquistas reencenam a tortura dos gays pelos fascistas bem como a tortura dos negros pelos brancos, dos judeus pelos nazistas, das mulheres pelos homens, dos escravos pelos senhores. Tais práticas podem ser vistas como rituais performáticos, como um talismã. Uma vez que parece improvável que os praticantes gays do sadomasoquismo realmente desejem ser torturados de forma inteiramente fora de seu controle, parece provável que tais práticas cumpram o papel do alho para

espantar o demônio, ou sejam simplesmente uma antecipação ansiosa do que pode acontecer de pior para tentar se acostumar com isso.

## **Ambientação fascista**

Os proponentes do sadomasoquismo geralmente são bastante abertos a respeito de seu uso de símbolos e fantasias fascistas e nazistas, por exemplo os quepes de couro preto da SS, suásticas, uniformes e sobretudos de couro parecidos com os da SS. Assim explica Pat Califia, principal teórica do sadomasoquismo nos Estados Unidos:

Uma cena sadomasoquista pode ser feita usando as personas do guarda e do prisioneiro, do policial e do suspeito, do nazista e do judeu, branco e negro, homem hétero e *queer*, pais e filhos, padre e penitente, professor e estudante, puta e cliente etc. Entretanto, nenhum destes símbolos têm um único significado. Seu significado é derivado do contexto onde é utilizado. Nem todo mundo que porta uma suástica é nazista, nem todo mundo que tem um par de algemas em seu cinto é um policial, e nem todo mundo que usa um hábito de freira é católico. O sadomasoquismo é mais uma paródia da natureza sexual oculta do fascismo do que uma adoração ou uma aquiescência a ele. Quantos nazistas, policiais, padres ou professores reais estariam envolvidos em uma cena sexual *kinky* [excêntrico]? [5]

A resposta para a ingênua pergunta de Califia é, claro, um bom tanto de gente. Pelo menos uma membra do grupo de apoio ao sadomasoquismo lésbico de Londres foi vista usando um quepe da SS e suásticas em eventos sociais. Ela foi questionada a respeito do fato de esses símbolos serem ofensivos a muitas mulheres e respondeu com ameaças de violência a qualquer outra crítica feita.

No começo de 1984, skinheads gays foram à uma festa gay na discoteca Bell em Kings Cross. Um deles fez uma saudação nazista abrupta direta e deliberadamente dirigida à face de um homem gay negro na pista de dança, e três deles seguiram um homem negro gay deficiente ao banheiro e o ameaçaram. Um homem gay branco puxou o som da tomada para que se discutisse a respeito do incidente e se tomasse alguma atitude. Ele foi expulso e barrado da discoteca. Este era um clube que supostamente fazia parte da cena gay alternativa, política ou pelo menos não-comercial. Os skinheads eram clientes regulares. O organizador nacional do Young National Front também apareceu no Bell e foi expulso quando tirou sua jaqueta e revelou suásticas. O coletivo do Bell e outros coletivos que gerenciavam clubes tiveram de instituir normas de vestimenta, isto é, sem suásticas ou camisetas "*Hitler's European Tour*", mas o uniforme de couro foi aceito.

Mas, diriam os proponentes do sadomasoquismo, somente usamos insígnias nazistas por diversão e não gostaríamos de ser associados a comportamentos violentos. Até é possível, mas como os outros gays vão saber a diferença? O medo será igual independente de as suásticas serem usadas por "diversão" ou perseguição. No que diz respeito às suásticas, a diversão de uma mulher é o terror de outra. Os fascistas obtêm exatamente o mesmo tipo de diversão ao usarem suásticas que os proponentes do sadomasoquismo, o poder conseguido a partir do medo e da angústia de outra mulher. Um perigo sério que resultará da tolerância ao simbolismo nazista na cena gay, sob a guisa de "diversão", prática sexual, ou moda, é a paralisia da nossa vontade ou habilidade de agir em face de violência fascista real. É tão importante combater e rejeitar o uso irônico de emblemas nazistas agora tanto quanto o era na Alemanha nos anos 1920 e 1930, quando o fascismo tomou conta. Os indubitavelmente antifascistas de então que questionaram as suásticas encontraram os mesmos tipos de ameaças que os proponentes do sadomasoquismo já fazem quando

seu prazer é questionado. O nazismo era a moda daqueles tempos? É assim que ele tomou conta dos círculos artístico e *avant garde*?

## **O sadismo do fascismo alemão**

Um dos termos usados para ofender as feministas em Londres que estavam realizando um encontro para questionar a promoção do sadomasoquismo era “fascistas”. As feministas lésbicas eram acusadas de serem “exatamente iguais ao Nacional Front” por ousarem realizar tal encontro. Essa linha de ataque, que se assemelha às tentativas atuais dos libertários sexuais socialistas de rotular feministas como de direita, é feita com base em um pressuposto de que as políticas fascistas seriam opostas ao sadomasoquismo. Na realidade o oposto é verdadeiro, e essa acusação é um bom exemplo do que Mary Daly chama de “reversão patriarcal”. [6]

Dorchen Leidholdt, do grupo Mulheres Contra a Pornografia de Nova York, em um artigo esclarecedor, *Where Pornography Meets Fascism* [Onde a pornografia encontra o fascismo], explica a extensão do papel que o sadomasoquismo erótico cumpria enquanto esteio da ideologia e da prática fascista.

Hitler adotou o chicote como seu símbolo pessoal, por exemplo, e quando exaltado geralmente batia com ele em suas próprias pernas. Ele sentia muito prazer ao citar a máxima de Nietzsche, “Vais encontrar mulheres? Não esqueças teu chicote!” Talvez o mais revelador a respeito da resposta sexual de Hitler às mulheres era o seu deleite em assistir mulheres parcamente vestidas arriscarem suas vidas. Em *The Psychopathic God*, Waite aponta, “Ele apreciava particularmente assistir belas mulheres em um circo no alto do trapézio e fortemente amarradas... Ele não se impressionava particularmente com atos de animais selvagens a menos que mulheres bonitas estivessem envolvidas. Ele então assistia avidamente, sua face avermelhada, sua respiração logo vinha em

assovios enquanto seus lábios trabalhavam avidamente.” O sadismo de Hitler direcionado às mulheres provavelmente tinha algo a ver com seu histórico ruim de relações românticas: das seis mulheres com quem ele se envolveu romanticamente durante sua vida, cinco cometeram ou tentaram suicídio.

O sadomasoquismo também caracterizava as interações de Hitler com seus subordinados imediatos — “Toda vez que o encaro”, lembra Hermann Goering, “meu coração vai parar nas calças” —, bem como sua relação com o povo germânico como um todo. Eric Fromm apontou que a orientação sadomasoquista de Hitler jogava com a subordinação sadomasoquista das massas alemãs, seu desejo de ser dominado por um líder poderoso enquanto domina outros. Hitler estava bastante consciente desse teor dos tempos e das pessoas que ele governava. Em um discurso aos cadetes do exército alemão em 1942 ele declarou, “Por que resmungar a respeito da brutalidade e se indignar com a tortura? É isso que as massas querem. Eles precisam de algo que lhes dê um terror emocionante?” [7]

Leidholdt parece sugerir que o povo alemão tinha uma tendência particular para o sadomasoquismo. Toda a evidência disponível iria sugerir que toda a supremacia masculina está imbuída na mesma tendência. Mas as suas observações nos forçam a considerar a extensão com que o apelo do fascismo e do próprio racismo são abastecidas pelo erotismo. Ela prossegue apontando que Jacobo Timerman, um argentino judeu torturado por direitistas, descreveu o antissemitismo argentino como tendo um caráter erótico e sádico: “o ódio aos judeus era visceral, explosivo, um relâmpago sobrenatural, um excitação das tripas, o senso de um ser inteiro abandonado ao ódio.” [8]

Em virtude de algum processo misterioso, tudo o que diz respeito ao sexo nesta sociedade tem sido separado da política até mesmo por aqueles que se consideram a si mesmos socialistas e radicais. Na tentativa de tornar a prática sexual um enclave privado de deleite individual, de alguma forma a sexualidade tem sido vista como

removida dos efeitos do sexismo, do racismo, e de qualquer opressão que acontece no mundo fora do quarto, e se considera que ela não tem qualquer efeito ou relevância neste mundo. Na verdade, o sexo cumpre um papel crucial ao abastecer e regular a opressão das mulheres e a opressão racista. Não há nada puro a respeito do sexo ou de qualquer outra coisa que possa justificar uma exceção especial da crítica política.

Os promotores do sadomasoquismo chamam suas oponentes feministas de fascistas com a intenção de nos evitar, para nos calar, para dificultar que apontemos as ligações entre o sadomasoquismo e o fascismo. Eles devem saber que estão em uma posição exposta e acusam de "fascista" desesperadamente, na intenção de que nós não depositemos tais acusações sobre eles.

Seriam fascistas os proponentes do sadomasoquismo? Eles provavelmente não são membros de organizações fascistas e não se importam com nenhum aspecto do fascismo fora da sua esfera erótica. Eu diria que a maioria deles não é fascista, ainda que experimentar prazer ao aterrorizar outras lésbicas ao vestir iconografia fascistas se aproxime bastante disso, mas sim são promotores de valores fascistas. A erotização da dominação e da submissão, a glamourização da violência e da opressão dos gays, judeus e mulheres, é do que o fascismo é feito.

## **As raízes eróticas do fascismo**

Qual o principal apelo do fascismo? O sistema político do fascismo oferece aos capitalistas uma forma de manter seus lucros sem qualquer ameaça de resistência da classe trabalhadora. A violência e o racismo do fascismo oferecem aos desiludidos e desempregados, aos jovens e alienados, um bode expiatório para os



seus problemas em uma forma substituta de "satisfação" e excitação. Oferece-lhes comícios, um sentimento de poder (assédio), orgulho nacionalista e um auto-respeito espúrio baseado na ideia de que se se é branco, homem e gentio, ao menos se é superior a outros grupos raciais e às mulheres. Sem dúvida há muitos outros mecanismos operando conforme o fascismo e seus valores tomam conta. Um deles inclui o excitação do erotismo. As raízes eróticas do fascismo não têm recebido muita atenção, talvez porque exijam uma avaliação bastante assustadora da nossa própria sexualidade.

Para entender as raízes eróticas do fascismo é necessário realizar uma análise um tanto diferente e mais complexa do fascismo que a versão simplista geralmente empreendida pelos homens de esquerda. É errado assumir que o fascismo é uma força do mal que existe em algum lugar já completamente desenvolvida no mundo lá fora, que ele é facilmente reconhecível e chegará de repente, de forma óbvia, chamando-se a si mesmo de fascismo e em uma forma que seja facilmente desafiada. Esse foi, penso, o erro conceitual atrás de muito do trabalho antifascista de meados dos anos 1970. A Liga Anti-Nazi confrontou, de maneira bem-sucedida, as organizações claramente fascistas. Embora estes partidos estejam atualmente adormecidos conforme o governo conservador na Grã-Bretanha faz muito de seu trabalho para eles, as pessoas envolvidas na política de esquerda podem acreditar que o uso de suásticas por pessoas que não são membros dessas organizações não é importante. Mas o fascismo não cai do céu pronto na forma de organizações fascistas. Partidos fascistas necessitam de apoio amplo, ou pelo menos tolerância para serem bem-sucedidos. Membros de partidos não nascem fascistas, e às vezes são homens e mulheres que foram socialistas. Oswald Mosley é o exemplo britânico mais famoso desse fenômeno. O jovem Isherwood descrevendo que esteve em um partido nazista em um dia e no partido comunista no próximo, levado pela sedução das

oportunidades para a violência e pelos sentimentos de poder pessoal, é outro exemplo.

Houve um tempo, no final dos anos 1960 e início dos 1970, em que os radicais de esquerda falavam sobre as raízes psicológicas e emocionais do fascismo em todos os que viviam sob uma sociedade supremacista masculina. Wilhelm Reich era lido avidamente. Artigos eram escritos sobre a formação da personalidade autoritária dentro da família patriarcal e sobre a necessidade de se criar um modo completamente novo de se viver que reduziria a atração por figuras do tipo do Führer. A análise era parcial porque não havia muita consideração a respeito da opressão das mulheres para além da simples crença de que a eliminação da família nuclear resolveria todos os problemas das mulheres. Mas havia um entendimento de que as raízes emocionais do fascismo são imbricadas nas nossas personalidades a partir de um tipo de estrutura familiar na qual nós nascemos e pelos tipos de autoridade aos quais nós somos submetidos ao longo da infância e do nosso crescimento. Esse era um entendimento de crucial importância, e seus frutos existem hoje nas novas atitudes em relação à criação das crianças, na organização política dentro do feminismo, e em algumas partes da esquerda e do movimento gay. Esse entendimento da importância das políticas pessoais, na base na qual o movimento de libertação das mulheres foi formado, parece agora cada vez mais impopular. Estou convencida, mas pode ser que seja ilusão, de que o significado do uso de suásticas poderia ser claro em 1971 de um modo que hoje não é mais.

As raízes eróticas do fascismo residem no modo pelo qual a sexualidade sob a supremacia masculina é estruturada nos indivíduos. Porque a supremacia masculina ocidental encoraja-nos a experienciar a sexualidade como uma força imensamente poderosa e quase incontrolável, o aspecto erótico do fascismo tem grande significado. Nós não aprendemos a expressar-nos sexualmente em um mundo de

relações igualitárias e amorosas. Mulheres e homens nascem dentro de um sistema heterossexual de dominação masculina e submissão feminina. Isso é verdade independente de sermos capazes de escapar o suficiente disso para amar mulheres. A sexualidade na infância é construída através de interações com garotos agressivos puxando as calcinhas das meninas e através de abuso sexual e exploração por parte de homens adultos. Os modelos oferecidos a nós de sexualidade feminina são os de passividade e submissão. Somos ensinadas a responder sexualmente a investidas agressivas dos homens. Muitas lésbicas têm dificuldade em aprender qual a resposta feminina correta à sexualidade submissa dócil aos homens, todavia não emergimos facilmente ilesas da construção da sexualidade feminina no entorno do sadomasoquismo. Vivemos sob opressão e onde não há virtualmente nenhuma forma de escapar, pelo menos até atingirmos uma idade avançada, em direção a relacionamentos igualitários nos quais tomamos iniciativas sexuais, temos pouca alternativa além de nos aprazer de nossa opressão. A resposta mais comum é a de erotizar nosso desempoderamento no masoquismo. Para algumas mulheres que vêem isso como muito “afeminado”, o papel de humilhar mulheres pode ser utilizado no sadismo — os modelos para isso em uma cultura que odeia mulheres estão em todo lugar.

Lésbicas e gays sofrem pressões particulares que podem levar à posse de uma sexualidade construída no entorno do sadomasoquismo. Como resultado do heterossexismo e do anti-lesbianismo, frequentemente crescemos odiando a nós mesmos e particularmente a nossa sexualidade. É difícil para nós construir uma sexualidade própria que seja positiva, igualitária e livre de conotações sadomasoquistas. Algumas lésbicas e gays não conhecem nenhuma outra sexualidade além das fantasias sadomasoquistas que influenciam sua prática, ainda que possam evitar agir dentro do ritual sadomasoquista. Qualquer questionamento do sadomasoquismo é sentido por algumas dessas lésbicas e gays como uma ameaça séria.

Eles se enxergam como não tendo nenhuma alternativa de prática sexual se tiverem de abandonar essa que é baseada na erotização da opressão. Mas existe, no nosso próprio entendimento de que a sexualidade é algo construído e não dado, uma mensagem de esperança. Podemos reconstruí-la. Existe espaço para otimismo. Algumas lésbicas e gays são bem pouco afetados pelo sadomasoquismo, e são capazes de praticar um tipo diferente de sexualidade. Até mesmo aqueles de nós que sabem do alcance da influência do sadomasoquismo em nossas vidas usualmente experienciam momentos de intensidade e prazer sexual incomum nos quais não há envolvimento de fantasias de dominação e submissão em qualquer grau. As sementes da mudança estão em todos nós. Podemos buscar maximizar a sexualidade positiva ao invés de maximizar a sexualidade negativa do sadomasoquismo.

Os gatilhos da resposta sexual construída no entorno do masoquismo são os símbolos de poder e autoridade. Os símbolos particularmente poderosos são aqueles que representam poder e autoridade abusiva, cruel e arbitrária, o chicote é um símbolo mais poderoso que um distintivo de chefe. Os aparatos e rituais do fascismo são símbolos perfeitos para esse propósito. Uniformes, marchas, suásticas, retratos de Hitler, discursos autoritários são todos gatilhos eróticos. Os sádicos do Nacional Front são estimulados através da visão repetida de vídeos de marchas e paradas nazistas na Alemanha. Toda a parafernália do fascismo é calculada para obter uma resposta erótica poderosa daqueles cuja sexualidade tem sido formada sob a supremacia masculina e modelada no sadomasoquismo. Isso inclui a maioria de nós.

É a capacidade de ser atraído pelo nazismo que entorpece a resposta de ultraje que muitas pessoas podem de outra forma sentir por ele. A construção da sexualidade sadomasoquista é um poderoso e inteligente truque para o opressor. Nossa resistência é minada nas

nossas próprias vísceras se nossa resposta à tortura dos outros ou às armadilhas do militarismo é mais erótica do que politicamente indignante. É muito difícil lutar contra o que te excita. Esse é um problema que as feministas anti-pornografia já reconheceram e entenderam. É humilhante e paralisante ser estimulada pela própria degradação das mulheres que você visa combater. O único jeito de lutar é transformar essa dor em raiva. Não somos culpados pela forma como a nossa sexualidade é construída, ainda que sejamos totalmente responsáveis pela forma como escolhemos agir sobre isso. Temos direito de estar furiosas e de direcionar a nossa dor ao ataque aos mercadores da pornografia, aos apologistas da pornografia (infelizmente eles incluem as lésbicas do sadomasoquismo), os compradores e consumidores de pornografia. É difícil, mas devemos entender que as imagens e mensagens — das mulheres como objetos, torturadas, usadas e abusadas — que influenciam nossa própria resposta sexual têm a intenção de nos paralisar. Não podemos nos dar ao luxo de ser debilitadas por essas imagens, mas podemos compartilhar nossos sentimentos e construir nossa raiva.

Da mesma forma que com o sexismo, as armadilhas do fascismo e até mesmo suas práticas podem ser excitantes não apenas para o opressor mas também para suas vítimas. Edmund White, um novelista gay americano, entrevistou um casal de homens gays que tinha o hábito de usar uniformes policiais em seu livro *States of Desire: Travels in Gay America* [Estados de desejo: viagens na américa gay]. Ele explica que havia um bar cheio de homens gays em uniformes policiais no qual entre os clientes se incluíam homens gays vestidos como policiais e policiais na vida real. Esse flerte trágico e degradante com a opressão teve implicações alarmantes. Um homem fantasiado de policial, quando mais tarde foi preso do lado de fora do bar, passou esse tempo extasiado pelas botas do policial. Outro que também foi preso e surrado não falava de outra coisa que não a sua paixão pelo seu atormentador. [9]

Os promotores do sadomasoquismo constantemente destacam que o sadomasoquismo é “apenas fantasia” e não possui nenhuma relação com a realidade. A promoção do sadomasoquismo e de sua imagética vai assegurar que seja cada vez mais e mais difícil no futuro para algumas lésbicas e gays, e talvez até mesmo para todos aqueles que fazem parte da cena gay social que são afogados em imagética sadomasoquista, serem apenas raivosos e de forma nenhuma excitados eroticamente pela imagética de prática real de fascistas, policiais e valentões. Acredito que é importante que sejamos capazes de distinguir as ameaças fascistas de forma precisa e lutar contra elas de forma clara. Não quero pensar que quando os tanques, as botas marchando e as suásticas passarem em um golpe fascista real, a população gay esteja experienciando uma onda de desejo erótico que nos imobilize.

## **O sadomasoquismo é racista?**

Os promotores britânicos e americanos do sadomasoquismo ficam moralmente indignados a respeito da sugestão de que possa haver alguma coisa de racista em suas políticas. Assim, Pat Califia, representante do sadomasoquismo lésbico californiano, proeminente “top” ou sádica, dispensou as críticas de racismo feitas quando disseram ao grupo sadomasoquista Samoïs que eles não poderiam alugar um espaço em um edifício de mulheres em São Francisco, “Espera-se que nos defendamos contra acusações de que somos racistas...”, ela reclamou indignada. [10] Ela claramente não o faz, nem menciona em qualquer lugar o conteúdo das alegações e os modos pelos quais ela enxerga essas acusações como falsas. Tal crença arrogante de uma mulher branca de que eles estão acima e além de qualquer possibilidade de comportamento ou atitude racistas seria,

espera-se, em qualquer outra esfera além dessa da sexualidade, vista como uma forma de racismo.

Os proponentes do sadomasoquismo deveriam estar cientes da ofensa a todos os gays não brancos que o emblema de uma ideologia política que significa a morte ou a perseguição odiosa significa a todos os não arianos. O Gay Black Group deixou bastante claras as suas perspectivas em resposta à imagética nazista em eventos gays mistos.

Estamos cada vez mais conscientes da presença de pessoas usando insígnias fascistas e nazistas em vários eventos lésbicos e gays, orgulhosamente exibindo símbolos do Movimento Britânico e do Nacional Front. Crescem as denúncias de ataques a homens gays e mulheres por esse tipo de gente. Não é mais aceitável para nós que pessoas usando tais tipos ofensivos de roupas sejam perdoadas ao justificarem que se trata apenas de "moda".

Achamos ofensivo e perturbador que o racismo continue incontestado, tido como normal ou de outra forma tolerado por toda a comunidade lésbica e gay. Estamos atordoados com a ignorância a respeito dos numerosos ataques, abusos e hostilidade direcionadas às pessoas gays pelos grupos de fascistas. Sentimos que um esforço conjunto precisa começar a identificar e erradicar as raízes do racismo e do fascismo inerentes na comunidade lésbica e gay...

O Gay Black Group tem experimentado violência nas mãos dos fascistas tanto por motivo de racismo quanto por causa da nossa sexualidade. [11]

A feminista negra americana Alice Walker, em um comovente e, poderia-se pensar, incontestável artigo, explanou o modo pelo qual ela via a prática do sadomasoquismo como sendo racista. Walker escreve como uma professora que passou um período com mulheres estudantes, negras e brancas, tentando "chegar a um consenso, pela imaginação e pelos sentimentos", a respeito do que significa ser uma

escrava, senhor ou sinhá. “Mulheres negras, brancas ou mestiças escreveram sobre cativo, estupro, procriação forçada para reabastecer as senzalas do senhor de escravos. Elas escreveram sobre tentativas de fuga, sobre a venda de seus filhos, sobre sonhos com a África, sobre tentativas de suicídio.” [12] Em seguida, ela escreve sobre os efeitos de assistir a um programa de TV no qual duas mulheres do Samois participam como mestra e escrava. Ainda que o artigo seja escrito em um estilo ficcional e tenha sido publicado originalmente em um livro de contos, o programa de TV sadomasoquista não era ficção, mas realmente acontecia conforme ela descreve.

Imagine nossa surpresa, portanto, quando muitas de nós assistimos a um especial de televisão sobre sadomasoquismo que foi ao ar na noite anterior ao fim das nossas aulas, onde o único casal interracial que aparece, lésbicas, se apresentavam como escrava e senhora. A mulher branca, que falou todo o tempo, era a senhora (usando um anel em forma de chave que ela disse encaixar na fechadura da corrente em volta do pescoço da mulher negra), e a mulher negra, que permaneceu sorrindo e silenciosa, era — disse a mulher branca — sua escrava...

Tudo o que estive ensinando foi subvertido por aquela única imagem, e eu fiquei enfurecida de pensar que a difícil luta das minhas estudantes para se livrarem dos estereótipos, para combater o preconceito, para se colocarem na pele das mulheres escravizadas, e então verem sua luta ridicularizada, e a condição real de escravizadas de literalmente milhões de nossas mães trivializada porque duas mulheres ignorantes insistiram em seu direito de encenarem publicamente uma “fantasia” que ainda causa terror nos corações das mulheres negras. E também vergonha e nojo, pelo menos nos corações da maior parte das mulheres brancas em minha sala de aula.

Uma estudante branca, aparentemente com ligações próximas ao grupo local de lésbicas sadomasoquistas, disse que não conseguia ver nada de errado com o que vimos na TV. (A propósito, havia muitos homens brancos nesse programa que possuíam mulheres brancas como “escravas”, e até mesmo diziam ter documentos legais atestando isso. De fato, um homem exibiu sua



escrava pela cidade com um arreio de cavalo em seus dentes e a "emprestava" a outros sadomasoquistas para ser chicoteada.) É tudo fantasia, disse ela. Nenhum mal estava sendo feito. A escravidão, a escravidão real havia acabado afinal.

Mas ela não acabou... e os livros de Kathleen Barry sobre escravidão sexual feminina e de Linda Lovelace relatando sua experiência como escrava não são os únicos indicadores de que isso é verdade. [13]

Pat Califia resolveu responder o artigo de Alice Walker em duas frases inteiramente desdenhosas em sua contribuição ao livro do grupo Samoís, *Coming to Power* [Chegando ao poder]. "...Em uma tentativa de provar que o sadomasoquismo é racista, Walker descreve essas mulheres [aquelas interpretando senhora e escrava no programa de TV] como uma mulher branca dominadora e uma mulher negra masoquista. Na verdade, a dominadora nesse casal é uma lésbica latina." [14] Esse é o nível de seriedade com qual o grupo Samoís, a partir do qual os grupos de apoio ao sadomasoquismo lésbico britânico parecem usar de modelo, aborda o assunto do racismo.

O grupo britânico lésbico de sadomasoquismo apoiado pelo Coletivo Inglês de Prostitutas (ECP) e o Wages Due Lesbians (dois subgrupos dentro da organização guarda-chuva Wages for Housework, uma campanha fortemente antifeminista que tenta se infiltrar onde quer que vejam assuntos de interesse das mulheres que possam ser usados para destruir o movimento de libertação delas) foi ao encontro de algumas lésbicas feministas em Londres que queriam planejar uma campanha para questionar a disseminação das políticas sadomasoquistas. Uma mulher do ECP apresentou uma razão, pensada a partir da literatura padrão propagandista do sadomasoquismo, do porquê o sadomasoquismo poderia ser bastante útil nas relações. Ela explicou que em relacionamentos entre mulheres negras e brancas, os rituais sadomasoquistas poderiam ser encenados de modo a equilibrar as diferenças de poder ou ao menos ajudar a

entendê-las. Essa mulher, que era branca, não disse quem deveria representar o papel de dominadora e quem deveria ser a dominada nessas relações. No exemplo americano citado acima, a dominada era uma mulher negra. Mas apenas supondo que não seja sempre este o caso, é realmente possível ver encenações de rituais racistas, mesmo nos casos em que as relações de poder não são com brancos sendo dominadores e negros os dominados, como formas de ajudar a eliminar o racismo? Na literatura pornográfica masculina, a mulher negra é representada tanto como uma vítima escrava submissa quanto como dominatrix. Os rituais do sadomasoquismo podem apenas reforçar um ou ambos desses estereótipos. O sadomasoquismo não oferece qualquer chance de se libertar deles.

## **Pode o sadomasoquismo ser reformado?**

Pat Califia explica, em *Coming to Power*, que alguns membros do grupo Samois acharam que alguns dos seus princípios estavam em oposição à prática sadomasoquista, e que isso levou a alguns problemas dentro do grupo. Ela não diz quais são esses princípios e não se mostra simpática a eles, mas podemos tentar adivinhar que dizem respeito a coisas como o uso de suásticas ou até mesmo rituais onde mulheres negras eram escravas. Não parece que as mulheres britânicas sadomasoquistas estejam com a consciência pesada, uma vez que ao menos uma delas foi vista abertamente usando suásticas. Mas seria possível para os praticantes do sadomasoquismo “limparem” suas performances e cortarem fora simbolismo obviamente racista como resultado da crítica? (Até o momento, a resposta deles à crítica tem sido chamar os críticos de fascistas e racistas, dizer que os sadomasoquistas não iriam permitir qualquer encontro público sem lésbicas sadomasoquistas vestidas a caráter, e impedir a discussão.)

O ritual sadomasoquista é sobre erotizar as relações de dominação e submissão, e envolve a encenação da opressão. Os cenários de nazistas e judeus, ou de escravos e senhores podem possivelmente ser tirados da pauta por aqueles com a consciência mais sensível. Isso deixaria um escopo amplo de cenários e figurinos representando opressão sexista, usando imagens da prostituição, de assédio sexual ou simplesmente estereotipificação fetichizada sexista, como por exemplo um dos personagens vestido como um motociclista forte e outro afeminado usando espartilhos e babados. Isso é realmente uma solução?

Fora o fato de que esse imagético permaneceria terrivelmente sexista e heterossexista, qualquer erotização do poder, qualquer glorificação da opressão pode apenas fortalecer os valores que mantém todas as formas de opressão. A opressão racista depende tanto das ideias de que o poder é um direito, de que a violência é um razoável modo de ameaçar aqueles tidos como inferiores, que as desigualdades de poder são desejáveis e inevitáveis, quanto o sexismo. A prática do sadomasoquismo reforça esses valores. Tal prática não permite qualquer espaço para a existência de uma alternativa a esses valores. Se estamos comprometidos com a meta de uma sociedade na qual nenhum grupo da população está sujeito a violência, discriminação e exploração, então devemos desenvolver uma forma de prática sexual que reflète o tipo de sociedade que queremos criar. Do contrário, o que estamos dizendo é que o sexo e as emoções envolvidas nele estão bastante desconectados do restante de nossas vidas e não possuem nenhuma relevância política. Tal prática precisa ser mútua, carinhosa e igualitária. Isso, claro, é um pecado na opinião dos proponentes do sadomasoquismo. Práticas assim são chamadas de *bambi* por homens gays defensores do sadomasoquismo como Jeffrey Weeks e de *vanilla* [baunilha] pelas lésbicas do Samoa. [15] Ambos os termos foram criados de forma a mostrar desdém e afastar as pessoas. Práticas sexuais igualitárias são

representadas como desprovidas de intensidade, monótonas, apropriadas apenas para fracotes.

Os proponentes do sadomasoquismo estão conscientes de que estão sujeitos à crítica política, de modo que alguns deles desenvolveram uma defesa engenhosa. Alguns anos atrás, um membro do agora defunto grupo Gay Left realizou uma fala em defesa do sadomasoquismo, com apresentação de slides, em um workshop gay. Ele mostrou slides de homens vestidos com uniformes nazistas urinando em sarjetas e forçando homens algemados a lamberem a urina nos seus joelhos. Intrigada, perguntei a ele o que tudo aquilo tinha a ver com socialismo. A princípio, ele respondeu que não tinha nada a ver com o socialismo mesmo, tratava-se apenas de prática sexual. Mais tarde, ele forneceu uma justificativa que alguns ex-sadomasoquistas políticos se sentiram obrigados a desenvolver. A prática sadomasoquista seria uma forma de ajudar os envolvidos a entenderem as diferenças de poder existentes no mundo e trabalharem mais efetivamente para o fim delas. (Vide também o argumento descrito acima dado pelo ECP e pelo grupo de apoio sadomasoquista lésbico.) Um defensor americano do sadomasoquismo expressou essa defesa de forma bastante sucinta:

Talvez um dos modos mais efetivos de lutar contra o poder político e até mesmo torná-lo desnecessário é entender os impulsos de poder e submissão em si mesmo e integrá-los. O envolvimento no sadomasoquismo tende a remover a “necessidade” pessoal de oprimir e ser oprimido, manipular e ser manipulado socialmente e politicamente — outra razão por que aqueles que possuem delírios de poder político tendem a se opor tão fortemente a ele. O sadomasoquismo pode ser parte de uma verdadeira rebelião contra a opressão social estruturada, o que é parte da razão por que anarquistas e libertários estão sub-representados entre os praticantes do sadomasoquismo. [16]

Para esse homem, a opressão parece ser algo que as pessoas “precisam” e atraem para si. Essa é a análise lógica da perspectiva do sadomasoquismo, que vê a violência e o abuso como algo que as pessoas podem “precisar” ou escolher. É uma análise completamente individualista, da qual a opressão da vida real não faz parte. É um argumento espúrio e auto-indulgente. De que forma a prática do sadomasoquismo nos ajuda a dismantelar o complexo militar-industrial, confrontar grupos de valentões fascistas ou ajudar uma mãe lésbica a conseguir a custódia de seus filhos?

Lutar contra a opressão estrutural requer amor-próprio e alguma ideia de que uma alternativa existe fora dos círculos de dominação e submissão. Podemos nos guiar apenas pela noção de que as estruturas de poder opressivas não “precisam” existir para a felicidade humana, seja ela sexual ou de qualquer outro tipo.

## **Sadomasoquismo como política**

Os promotores do sadomasoquismo estão atraindo apoio de liberais com base em sua reivindicação de liberdade individual, o direito pessoal de seguir a prática sexual escolhida. Mas o argumento de liberdade pessoal não é necessariamente progressivo. Esse era o alicerce da política econômica e social Thatcheriana. Tal argumento depende da condição de que o comportamento em questão não fira qualquer outra pessoa além da própria praticante. (Algumas pessoas argumentam que deveria haver limites ao direito de qualquer ser humano causar dano físico a si mesmo ou requerer que outro ser humano cause dano a eles. Qual seria a nossa responsabilidade se confrontados com um cenário de *fistfucking* anal brutal em um contexto de uso de drogas e álcool, quando sabemos que a prática poderia levar a lesões terríveis ou a morte? Iríamos intervir, nos masturbar com isso, ou dar as costas?) A promoção do

sadomasoquismo causa dano para além de apenas aos seus praticantes e trata-se da promoção de muito mais coisas do que a de uma prática sexual; não se trata de um hobby, mas de uma política e de um estilo de vida.

O uso de roupas de sadomasoquismo em eventos sociais, marchas etc, na forma de fantasias de couro preto, algemas e rebites, cria uma atmosfera de ameaça e ansiedade para todas as lésbicas presentes. As lésbicas geralmente procuram a companhia de outras mulheres para escapar do assédio e da intimidação dos homens na rua, em anúncios e na pornografia. Estamos acostumadas ao "masculino", a homens agressivos usando roupas de sadomasoquismo rotineiramente no intuito de intimidar, por exemplo Hell's Angels. Não deveríamos ter que temer outras lésbicas ou sermos ostracizadas porque não aceitamos esse tipo de vestimenta intimidadora. Há muitas lésbicas em Londres agora cujas vidas sociais estão restritas pela prevalência do uso de roupas sadomasoquistas, seja à guisa de moda ou como extensão da prática do sadomasoquismo. Essas lésbicas não são fracotes. Temos direito de não sentir medo e direito a espaços livres da violência.

O uso de emblemas nazistas e fascistas, por exemplo, suásticas, quepes de couro preto da SS, sobretudos de couro preto da SS, ofendem e causam grande agonia em todas as lésbicas que estão conscientes do que o fascismo germânico significa em termos de violência e morte para os judeus, ciganos, lésbicas, aqueles física e mentalmente diferentes, todos os que não sejam homens brancos, gentios, heterossexuais e fisicamente capazes.

A aceitação de vestimenta sadomasoquista, particularmente a emblemática nazista, torna a comunidade lésbica menos apta a entender o florescimento bastante real de valores e práticas fascistas na sociedade britânica atualmente. Não precisamos que as distinções

sejam ofuscadas. Devemos ver e questionar claramente qualquer tentativa de tornar os valores e comportamentos racistas e fascistas aceitáveis. Alguns daqueles que vestem emblemática fascista estão assediando e atacando gays, particularmente gays negros, agora mesmo. Eles se tornam mais difíceis de expor e rejeitar quando a emblemática fascista e "masculina", e os valores agressivos se tornam lugar comum na cena social gay.

A erotização do poder e da opressão na sexualidade de crueldade que é o sadomasoquismo nos treina a nos excitarmos pelas armadilhas do fascismo. O apelo erótico do fascismo, estruturado em nossa sexualidade conforme aprendemos nossas respostas sexuais vivendo sob a supremacia masculinista, é aumentado pelas políticas do sadomasoquismo. Apenas a construção de uma prática sexual igualitária pode se encaixar em uma política antifascista.

O sadomasoquismo não é uma prática sexual que caiu do céu, mas uma resposta e um eco do crescente domínio dos valores e práticas fascistas no mundo fora do gueto gay. Como na Alemanha no início dos anos 1930, os ataques racistas estão aumentando agora. Militarismo crescente infecta a sociedade ocidental. O pornô e os anúncios publicitários se tornaram mais e mais violentos e sádicos com as mulheres. Temos um governo conservador que está dedicado a restringir as liberdades pessoais com a desculpa de aumentá-las. Há uma atmosfera de medo e tensão social crescentes conforme as políticas governamentais polarizam as diferenças entre os pobres e ricos, negros e brancos, mulheres e homens. Nesse contexto, o sadomasoquismo pode ser visto como sendo não uma saída corajosa e radical, mas um modo em que lésbicas podem traduzir diretamente o ódio e o desprezo por mulheres, e particularmente por lésbicas, em suas relações entre si, que os valores fascistas representam. Talvez esta seja uma forma de autodefesa mal direcionada, isto é, se lésbicas

causam medo e dor umas às outras agora, não será tão angustiante quando recebermos tal tipo de abuso dos outros no futuro.

Os promotores do sadomasoquismo defendem que sua prática sexual não afeta de nenhum modo as suas relações uns com os outros e o resto do mundo fora do quarto, exceto em fazê-los se sentirem mais fortes. Nas escolas de treinamento para a tortura na Grécia sob ditadura militar e também em outros regimes de extrema-direita, os torturadores treineiros eram treinados sendo eles mesmos torturados. Pode ser que as lésbicas dominadas ou masoquistas, que correspondem à vasta maioria delas, tenham tido as suas sensibilidades enfraquecidas pela tortura a qual escolhem se sujeitar. Para criar um número suficiente de sádicas, algumas masoquistas precisam progredir na prática para distribuir o que receberam anteriormente.

A prática do sadomasoquismo escorre para fora do quarto em outras áreas das relações lésbicas. O trecho a seguir é de um artigo do *Coming to Power* no qual Susan Farr explica como ela e sua amante usam punição física para superar o ciúme que sentem uma pela outra na não-monogamia.

Se eu chicoteio Rae após ela ter feito sexo com alguma pessoa, isso também expressa diretamente o quanto estou com raiva e ciúmes. Este é um exercício de poder, inquestionavelmente. Ele me dá um escape para os sentimentos "negativos" e bastante naturais que existem independente do meu comprometimento com os princípios da não-monogamia. A punição também funciona como um alívio da culpa da pessoa tendo o caso, outro sentimento "negativo" e natural que existe independente das crenças sinceras de que os baixos ocasionais da não-monogamia são preferíveis à sufocação da monogamia monótona... Essa discussão dos rituais de punição usados como uma resposta à não-monogamia é um



exemplo de como a agressão física pode funcionar para manter o relacionamento às claras. [17]

Os sadomasoquistas diriam que existe uma diferença entre o que é descrito aqui e um relacionamento onde ocorre agressão explícita. A distinção, baseada na falsa premissa de que podemos consentir com abuso (lembre da velha anedota na qual esposas agredidas na verdade gostam de apanhar), pode facilmente se tornar confusa de modo que a agressão se torna bastante danosa para um ou ambos os parceiros. Marissa Jonel, uma sobrevivente do sadomasoquismo, descreve uma situação em *Against Sadomasochism* [Contra o sadomasoquismo]. [18] Tal agressão "consensual" não é capaz de ajudar na nossa luta enquanto mulheres e lésbicas para afirmar o desejo das mulheres de viverem livres de violência, nosso direito de não sermos vistas como alvos apropriados para violência. O sadomasoquismo é muito mais do que uma prática sexual. É um estilo de vida e uma abordagem ao mundo que glorifica e legitima a violência. Relações onde ocorrem agressões reduzem o potencial de seus participantes e de todos nós de encontrar modos alternativos de lidar com o conflito. A agressão entre lésbicas, onde lésbicas direcionam seu anti-lesbianismo e auto-ódio internalizado umas às outras, é um problema sério com o qual a comunidade lésbica tem que lidar, não é uma brincadeira.

É importante compreender que se trata de uma política do sadomasoquismo que está sendo promovida, não apenas uma prática sexual. As táticas do sadomasoquista deixam isso claro. Os promotores do sadomasoquismo, com a desculpa de fazerem parte de uma minoria oprimida, levaram um cartaz sadomasoquista na marcha Lesbian Strength em junho de 1984. Isso significa que muitas lésbicas que sabiam desse cartaz nunca foram à marcha, e muitas outras se sentiram incapazes de fazer parte da marcha naquele dia. Os promotores do sadomasoquismo estavam bastante conscientes de

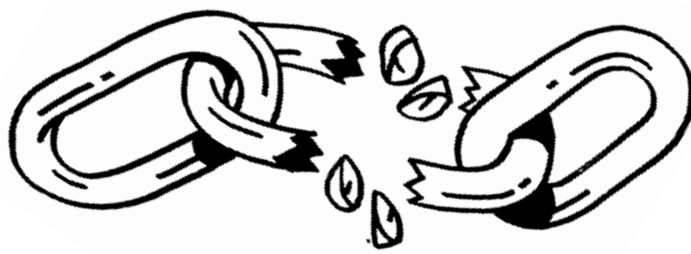
que estavam dessa forma dividindo e excluindo muitas lésbicas da marcha, mas o direito de três lésbicas sadomasoquistas de causar dano à unidade e às políticas lésbicas foi defendido pelos seus asseclas e toda a objeção foi rejeitada. Os promotores do sadomasoquismo incitam deliberadamente esses confrontos e o estilhaçamento da unidade política que decorre deles. Nos EUA, o grupo Samoís primeiramente destruiu a unidade das marchas do Orgulho Gay, e então buscaram dividir o centro coletivo de mulheres de São Francisco reservando espaços onde seriam realizadas atividades, e depois começaram a intimidar e assediar livrarias feministas que não exibissem sua literatura propagandista de forma proeminente. O grupo de lésbicas sadomasoquistas britânicas reservou espaço em um centro de mulheres de Londres, A Woman's Place. A mesma tática foi usada no Lesbian and Gay Center. Apesar da oposição da vasta maioria das feministas lésbicas que eram membras do centro, os sadomasoquistas foram permitidos no espaço em junho de 1985.

Essa campanha coordenada para espalhar confusão, desunião e medo, de forma desproporcional ao seu número de integrantes, lembra nada menos do que as táticas fascistas. Fiando-se no apoio do liberalismo, eles criam confrontos para causar discórdia na oposição política e enfraquecer nossa capacidade de confrontar práticas e valores fascistas em qualquer forma que se apresentem. (Um exemplo de fascistas utilizando essa tática foi um movimento recente do National Front demandando ajuda do Conselho Nacional pelas Liberdades Civis [NCCL, na sigla em inglês]. Isso foi calculado para dividir a NCCL e causou dano considerável.) O que está acontecendo é muito mais do que a tentativa de uma minoria "oprimida" de ganhar o direito de agir conforme suas práticas sexuais. O sadomasoquismo é uma política com táticas definidas, que incluem a intimidação por mulheres vestidas em uniforme de couro preto. Raras vezes um grupo "oprimido" foi tão opressivo e potencialmente destrutivo.

As implicações das políticas sadomasoquista são muito alarmantes para se ignorar. Não apenas as políticas feministas, mas todas as políticas antirracistas, antifascistas e anticapitalistas dependem de um entendimento de que os oprimidos não buscam, precisam ou querem sua opressão. O grande mito que une a ideologia da democracia ocidental é o do consentimento. No pensamento democrático ocidental todos os grupos dentro de uma população consentem com um sistema de governo. Aí existe consenso. Mas não é bem assim. Somente aqueles que são homens brancos detentores de riqueza estão em qualquer posição de exercer consentimento verdadeiro a um sistema político que rotineiramente degrada, explora e controla todos os outros. O sadomasoquismo utiliza essa noção politicamente manipulativa de consentimento para se justificar. A noção de que qualquer pessoa deliberadamente busca abuso e degradação pode ser explorada de forma muito fácil para justificar sistemas opressivos políticos, por exemplo, o valor fascista básico de que as massas “precisam” de um líder forte. A doutrina política básica do sadomasoquismo está então em contradição com a nossa luta por um sistema político baseado no direito de todo ser humano à dignidade, igualdade, amor-próprio e auto-governo.

A sexualidade de crueldade que é o sadomasoquismo não é nem inata nem inevitável. Ainda que muitos de nós experiencemos fantasias e práticas que incorporam valores de dominância e submissão do sadomasoquismo, também experiencamos uma sexualidade positiva com valores igualitários. É essa sexualidade positiva que precisamos promover e ampliar. Nossa capacidade de amarmos uns aos outros com dignidade e amor-próprio, não apenas com intensidade de sensações e prazer, tem sido danificada pela nossa experiência de opressão. Mas essa capacidade não foi destruída. Devemos lutar contra todas as pressões que nos encorajam a amar as botas que nos curvarão à submissão. Podemos decidir não participar

de um romance com nossos opressores. Podemos ter uma sexualidade que é integrada, não com a nossa opressão, mas com as nossas políticas de resistência.



## Notas

[1] ISHERWOOD, Christopher. Down There on a Visit. Londres: Methuen, 1962. P. 73-74.

[2] SHERMAN, Martin. Bent. Derbyshire, UK: Amber Lane Press, 1980. P. 67.

[3] HEGER, Heinz. The Men with the Pink Triangle. Tradução de David Fernback. Londres: Gay Men's Press, 1980. P. 82-83.

[4] BELLWETHER, Janet. "Love Means Never Have to Say Oops: A Lesbian Guide to S/M Safety". In: SAMOIS (editor). Coming to Power: Writings and Graphics on Lesbian S/M. Segunda edição. Boston: Alyson, 1982. P. 70-71 e 74.

[5] CALIFIA, Pat. "Feminism and Sadomasochism". Heresies. Sex Issue 12. P. 32.

[6] Cf. várias passagens em DALY, Mary. Gyn/Ecology. Boston: Beacon Press, 1978; e também Beyond God the Father: Toward a Philosophy of Women's Liberation. Boston: Beacon Press, 1973.

[7] LEIDHOLDT, Dorchen. "Where Pornography Meets Fascism". WIN, 15 de março de 1983. P. 18. As citações usadas por Leidholdt estão em WAITE, Robert G. L. The Psychopathic God. Nova York: Basic Books, 1977. P. 153, 375 e 380.

[8] TIMERMAN, Jacobo. Prisoner without a Name, Cell without a Number. Nova York: Knopf, 1981. P. 66.

[9] WHITE, Edmund. *States of Desire: Travels in Gay America*. Nova York: Dutton, 1983. Aparentemente, o uso de violência real como excitação sexual tem aumentado desde as observações de White. Recentemente, uma pessoa da equipe da livraria Glad Day em Boston me disse que o livro *History of Torture* de Daniel P. Mannix (Nova York: Dell, 1983) é o campeão de vendas da loja.

[10] CALIFIA, Pat. "A Personal View of the History of the Lesbian SM Community and Movement in San Francisco". In: Samois (editor). *Coming to Power*, 1982. P. 274.

[11] Gay Black Group. "Letter to the Editor", *Capital Gay*. Londres, 14 de fevereiro de 1984.

[12] WALKER, Alice. "A Letter of the Times, or Should This Sadomasochism Be Saved?" In: LINDEN, Robin Ruth et al (editores). *Against Sadomasochism: A Radical Feminist Analysis*. Palo Alto, California: Frog in the Well Press, 1982. P. 206–207. Reimpresso de WALKER, Alice. *You Can't Keep a Good Woman Down: Stories by Alice Walker*. Nova York: Harcourt Brace, 1981. P. 118–123.

[13] WALKER, Alice. "A Letter of the Times", 1982. p. 207.

[14] CALIFIA, Pat. "A Personal View", 1982. p. 268.

[15] Vide a contribuição de Jeffrey Weeks ao *Gay News*. No. 243. Edição de 10º aniversário, 1982. Vanilla é um termo que aparece com frequência na literatura lésbica sadomasoquista.

[16] YOUNG, Ian. Comentários sobre o "Forum on Sadomasochism", em JAY, Karla; YOUNG, Allen (editores). *Lavender Culture*. Nova York: Harcourt Brace, 1978. P. 104.

[17] FARR, Susan. "The Art of Discipline: Creating Erotic Dramas of Play and Power". In: Samois (editor). *Coming to Power*, 1982. P. 16.

REFERÊNCIA: JEFFREYS, Sheila. "Appendix — Sadomasochism: The Erotic Cult of Fascism". In: *The Lesbian Heresy: A Feminist Perspective on the Lesbian Sexual Revolution*. Melbourne: Spinifex Press, 1993. P. 172-189.

Tradução anônima

**PIRATEIA E DIFUNDE!  
TODA PROPRIEDADE  
EH UM ROUBO!**





---

---

“A erotização do poder e da opressão na sexualidade de crueldade que é o sadomasoquismo nos treina a nos excitarmos pelas armadilhas do fascismo. O apelo erótico do fascismo, estruturado em nossa sexualidade conforme aprendemos nossas respostas sexuais vivendo sob a supremacia masculinista, é aumentado pelas políticas do sadomasoquismo. Apenas a construção de uma prática sexual igualitária pode se encaixar em uma política antifascista.”

---

---